

Liberdade, liberdade!

Pedro Carlos Bacelar de Vasconcelos¹

I

Karl Marx afirmava que a história se repete, antes, como tragédia, depois, como farsa (*O 18 do Brumário de Luís Napoleão*). Referia-se o filósofo alemão a Napoleão Bonaparte e à tentativa de apropriação simbólica do seu legado imperial, alguns anos mais tarde, por Luís Napoleão. Não é preciso acreditar em algum tipo de determinismo histórico para perceber que a apropriação da liberdade pelos chamados neoliberais não passa de uma tosca caricatura do liberalismo revolucionário do século XVIII. À tragédia, sobreveio a farsa. A partir dos anos 80 do século XX a liberdade foi sendo despojada de dimensões subjetivas, filosóficas ou morais e vai emergir apenas numa dimensão política restrita: a isenção da iniciativa económica privada da intervenção dos governos democráticos e organizações internacionais. A desregulação global e o estado mínimo apregoados pelos neoliberais começaram então a abrir caminho com Ronald Reagan, com Margaret Thatcher, logo seguidos pela «terceira via» de Anthony Giddens, com Tony Blair e muitos outros.

II

Assim, a liberdade — trincheira inexpugnável do Ocidente enquanto durou a Guerra Fria — paradoxalmente, irá entrar em declínio após a implosão da velha União Soviética. De facto, a queda do «muro da vergonha» ou da «cortina de ferro» — designações inventadas justamente para exaltar o «Mundo Livre» por oposição ao «socialismo coletivista» e aos «regimes comunistas» dos países de Leste — não iria inaugurar uma nova era de paz e aprofundamento das democracias. Apesar das alterações constitucionais que ampliaram enormemente o mapa das democracias reconhecidas, o Direito não viu o seu papel reforçado como base da ordem internacional, a cooperação e a solidariedade entre os povos

1. Professor da Escola de Direito da Universidade do Minho. Deputado à Assembleia da República.

não foram promovidas, não se reduziu o vasto arsenal nuclear acumulado nem foram dissolvidos todos os blocos militares preexistentes.

III

A erosão da liberdade prossegue, depois, a pretexto da erupção trágica e espetacular do terrorismo internacional nos atentados contra as Torres Gémeas de Nova Iorque e instalações do Pentágono. Em nome da «Guerra ao Horror», a lei da guerra é aprovada pelo Congresso com a outorga dos mais vastos poderes ao presidente dos Estados Unidos da América. Multiplicam-se também pela Europa as declarações de «estado de exceção» ao ritmo a que se sucedem os atentados. Contudo, nem dois mandatos consecutivos se revelariam suficientes para que um presidente americano cumprisse a promessa de encerrar Guantánamo, cenário abominável de práticas de confinamento e tortura, lugar da mais cruel impiedade.

IV

E chegou por fim a pandemia com o longo cortejo das mais violentas restrições de direitos e de liberdades tão elementares como circular e conviver. Obrigações que seriam decretadas e cumpridas — até no interior do domicílio doméstico, último reduto da reserva de intimidade privada — sem que tremendas convulsões sociais tivessem explodido por todo o mundo. Incrível, mas factual. Fecharam-se fronteiras. Sequestraram-se os velhos em lares da terceira idade. Alterações súbitas e duradouras dos comportamentos habituais, rotinas, trabalho, condições de sobrevivência e práticas culturais comuns produziram-se e prorrogaram-se por tempo indeterminado de modo surpreendentemente pacífico, ao ponto de a resignação tranquila se transformar em exemplaridade cívica.

V

A ciência e a técnica passaram a comandar a vida. Intensificou-se o recurso aos *drones* para execução dos assassínios seletivos como complemento das ações militares convencionais que, todavia, persistem embora, tal como estas, não estejam isentos de danos colaterais. Virologistas e epidemiologistas certificam cada medida sanitária adotada pelo poder político. Meteorologistas, biólogos, geólogos e ambientalistas apontam aos governos os remédios adequados para sustentar o ritmo fatal das alterações climáticas. Comentadores especializados apenas em comentar socorrem-se de gráficos e estatísticas que conferem rigor

matemático às proposições mais arbitrárias. A reserva da intimidade privada prostitui-se nas redes sociais para gáudio dos exibicionistas e seguidores e, sobretudo, para chorudo benefício dos traficantes de dados pessoais.

VI

Sucessivas décadas de educação para o empreendedorismo formaram as novas gerações para a fatalidade da competição permanente e do «salve-se quem puder». Crescentemente fragilizada, a luta política renuncia às grandes causas coletivas e amesquinha-se em estratégias de mera conquista e conservação do poder. O mundo transforma-se numa superfície bidimensional onde se equiparam a perseguição de minorias muçulmanas na Birmânia com a proibição de uma união *gay* na Nigéria, a extinção de uma espécie na Amazônia ou um corte no subsídio de fardamento das forças policiais.

VII

Vivemos uma era de mudança radical que ameaça a liberdade e toda a arquitetura democrática e constitucional onde floresceu nos últimos séculos uma inédita convivialidade que soube combinar, virtuosamente, a crítica com a tolerância e o pluralismo com a autoridade democrática. O recrudescimento atual da extrema-direita é consequência direta da hegemonia neoliberal, de quatro décadas de intensa doutrinação, desmantelamento das estruturas do Estado aprisionadas pelo dogma do equilíbrio orçamental e da incapacidade dos partidos políticos de satisfazer as aspirações de franjas crescentes de eleitores descontentes, seguida da fuga cobarde para a demagogia e correspondente ascensão do populismo trauliteiro. Aos que cavalgam o medo e envenenam os laços da solidariedade cosmopolita indispensável aos novos tempos, temos de responder que a liberdade, como dizia Bertrand Russell, é privilégio só possível entre iguais, e que a complexidade das sociedades contemporâneas é pressuposto indispensável ao reconhecimento do estatuto universal do valor da dignidade humana. Liberdade, liberdade!